

INSPETORIA FEDERAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS (IFOCS)

Órgão criado pelo Decreto nº 7.619, de 21 de outubro de 1909, subordinado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, com o nome de Inspetoria de Obras contra as Secas (IOCS). Em 1919 teve a palavra Federal acrescentada ao nome, e em 1945 passou a chamar-se Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS).

A IOCS foi o primeiro órgão federal criado com o objetivo de sistematizar o combate às secas periódicas que assolavam a região Nordeste. Sua criação ocorreu durante o governo do fluminense Nilo Peçanha, que exerceu a presidência da República por 17 meses (de junho de 1909 a novembro de 1910) e procurava formar sob sua liderança um eixo alternativo de poder que fizesse frente ao bloco hegemônico São Paulo-Minas Gerais. Criar um órgão para combater as secas no Nordeste do país representaria distribuir uma parcela do poder para os estados da região, que sofriam com o fenômeno. Nesse contexto, a IOCS nasceu fruto de uma articulação política que envolveu dirigentes dos estados do Nordeste e intelectuais preocupados com o embaraço que o atraso dos sertões representava para seu projeto de uma nação moderna.

O novo órgão direcionou suas ações iniciais para o reconhecimento científico do espaço sertanejo. O então ministro da Viação, o cearense Francisco Sá, escolheu para ser o primeiro inspetor-chefe do órgão o engenheiro Miguel Arrojado Lisboa, profundo conhecedor dos sertões e adepto da antropogeografia do alemão Friedrich Ratzel, cuja matriz entendia o progresso como uma ação coordenada entre homem e natureza. Arrojado Lisboa organizou administrativamente o órgão em três distritos com sede em Fortaleza, Natal e Salvador, que ficariam subordinados a uma seção central com sede na avenida Central, no Rio de Janeiro. Paulatinamente os cargos foram sendo entregues nas mãos de engenheiros.

Por conta da ausência de técnicos especializados no Brasil, a IOCS contou, nos seus primórdios, com a ajuda de cientistas estrangeiros, tais como o botânico sueco Alberto Lofgren e o geólogo americano Ralph Sopper, que percorreram a região semiárida entre

1909 e 1912 para fazer o reconhecimento científico do espaço. Esses cientistas produziram os primeiros estudos referentes ao problema das secas na região e apontaram eventuais soluções. Em 1911 a IOCS ganhou novo regulamento e adquiriu o caráter de órgão permanente através do Decreto nº 9.256, de 28 de dezembro.

Permanecendo como inspetor-chefe até meados de 1912, além de estimular estudos de caráter científico, Arrojado Lisboa se dedicou à construção de açudes e à perfuração de poços na região, na premissa de que a água traria o desenvolvimento aos sertões. Ao deixar o órgão em agosto daquele ano, foi substituído interinamente pelo subinspetor, o engenheiro cearense Aires de Sousa. Em 1913 assumiu o engenheiro Aarão Leal de Carvalho Reis, que deslocou o foco das ações da IOCS do reconhecimento científico para o pragmatismo técnico, e da açudagem para a construção de rodovias. Foi sob seu comando que a IOCS passou por seu primeiro teste de fogo: a seca de 1915. Na ocasião, Aarão Reis foi investido pelo presidente Venceslau Brás de amplos poderes na condução dos trabalhos, fato que, paradoxalmente, enfraqueceu a IOCS, por conta de conflitos de interesses diversos que então se estabeleceram. Aarão Reis centralizou as obras contra as secas retirando os encargos dos distritos estaduais em prol da maior liberdade do poder central na condução dos trabalhos. Em meio às tensões, o órgão ganhou novo regulamento em fevereiro de 1915 através do Decreto nº 11.474. Em 1919 uma nova seca pegou os serviços da IOCS parados, agora já sob a administração do engenheiro José Luís Mendes Diniz, que assumira a inspetoria em 1918.

Com a ascensão do paraibano Eptácio Pessoa à presidência da República em julho de 1919, e a recondução de Arrojado Lisboa ao cargo de inspetor-chefe, a IOCS ganhou novo impulso. Ainda em 1919 o órgão passou a se chamar Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas e ganhou novo regulamento através do Decreto nº 13.687, de 9 de julho. Eptácio Pessoa abriu um avultado crédito para obras contra as secas, que foi chamado de “Caixa das Secas”, a IFOCS retomou o projeto de modernizar os sertões, e várias obras foram encetadas. Foram também definidos os limites espaciais do que se convencionou chamar de Nordeste.

Após a saída de Epitácio Pessoa da presidência da República em novembro de 1922 e a extinção da “Caixa das Secas”, a IFOCS perdeu o impulso anterior, o que fez com que em 1926 Arrojado Lisboa novamente deixasse a direção do órgão. Com a saída de Lisboa, a inspetoria passou às mãos do engenheiro Palhano de Jesus, que assumiu em março de 1927 e ficou até outubro de 1930, fase que é considerada de refluxo da IFOCS, quando o órgão diminuiu sensivelmente suas ações por conta da falta de numerário e ocorreu uma desorganização nas obras.

A IOCS representou um dos restritos espaços em que se produziu conhecimento no Brasil da Primeira República. Entre os vários estudos de caráter científico que a IOCS fez publicar ressaltam: *Geografia, geologia, suprimento d'água, transportes e açudagem nos estados orientais e do norte do Brasil CE, RN e PB*, de Roderic Crandall (Fortaleza: IOCS, 1910); *Notas botânicas*, de Alberto Lofgren (Fortaleza: IOCS, 1912); *Relatório dos trabalhos executados durante o ano de 1912 apresentado ao ministro da Viação e Obras Públicas pelo subinspetor em exercício José Aires de Sousa* (Rio de Janeiro: IOCS, 1913); *Relatório dos trabalhos executados durante o ano de 1913 apresentado ao ministro da Viação e Obras Públicas pelo inspetor Aarão Reis* (Rio de Janeiro: IOCS, 1914); *Relatório dos trabalhos executados durante o ano de 1915 apresentado ao ministro da Viação e Obras Públicas pelo subinspetor em exercício José Aires de Sousa* (Rio de Janeiro: IOCS, 1916); *Geologia e suprimento d'água subterrânea no Ceará e parte do Piauí* (Rio de Janeiro: IOCS, 1913) e *Geologia e suprimento d'água subterrânea no Piauí e parte do Ceará*, ambos de Horatio Small (Rio de Janeiro: IOCS, 1913 e 1914); *Estudo sobre as manobras do estado da Bahia, em relação ao problema das secas*, de Léo Zehntner (Rio de Janeiro: IOCS, 1914); L. SOPPER, Ralph H. *Geologia e suprimento d'água subterrânea em Sergipe e no norte e nordeste da Bahia* (Rio de Janeiro: IFOCS, 1923), de Ralph H. Sopper, e *Notas sobre as medições e descargas de rios*, de Gerald Warring (s.l. e s.d.).

Kleiton de Moraes

FONTES: GUERRA, P. *Civilização*; POMPEU SOBRINHO, T. *História*.